

HISTÓRIA E ARTEFATOS CULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE: O ENSINO DE HISTÓRIA E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NO COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA¹

Paloma de Oliveira Fontes²
Marizete Lucini³

GT4 – Educação Rural/do Campo.

RESUMO

O presente estudo apresenta os resultados da pesquisa intitulada “História e artefatos culturais na contemporaneidade”. A investigação objetivou realizar uma análise sobre o uso dos suportes didáticos em uma escola da zona rural e as possíveis identificações estabelecidas entre os conteúdos abordados e a experiência vivenciada pelos estudantes. Inicialmente identificamos quais e como estes suportes didáticos foram mobilizados para o ensino de história, bem como observamos as interações evidenciadas pelos estudantes em seu uso. Observou-se que os suportes didáticos utilizados possibilitam o estabelecimento de processos de identificação. No entanto, as relações possíveis nem sempre são evidenciadas, carecendo de mediação docente para que as mesmas ocorram.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação do Campo. Identidade. Recursos didáticos.

ABSTRACT

The present study presents the results of the research entitled "History and cultural artifacts in contemporary times". The research aimed to analyze the use of educational materials in a rural school and the possible identifications established between the content addressed and the experience lived by the students. Initially we identified which and how these didactic supports were mobilized for the teaching of history, as well as observed the interactions evidenced by the students in their use. It was observed that the didactic supports used allow the establishment of identification processes. However, the possible relationships are not always evident, lacking teacher mediation for them to occur.

Keywords: History Teaching. Field education. Identity. Didactic resources.

¹ Esse texto resulta de pesquisa desenvolvida sob financiamento da Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFS, sob orientação da Professora Doutora Marizete Lucini do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIC/CNPq/UFS 2015/2016/2017. Membro do grupo de pesquisa Educação Cultura e Subjetividades. E-mail: palloma004@hotmail.com.

³ Professora Dr^a Marizete Lucini, Departamento de Educação da UFS. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. membro do grupo de pesquisa Educação Cultura e Subjetividades. E-mail: malucini@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou refletir sobre a utilização de suportes didáticos utilizados em aulas de História no Colégio Estadual Senador Lourival Baptista, escola pública da zona rural localizada no município de Simão Dias/SE. Para tanto, nos propusemos a identificar quais e como estes suportes são mobilizados para o ensino de história, assim como, verificar as identificações possibilitadas pelo conteúdo histórico presente no referido material.

A produção da identidade tem sido uma das funções atribuídas à educação básica, conforme disposto no Artigo 13, parágrafo 2º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Como indicado nesta legislação:

Na organização da proposta curricular, deve-se assegurar o entendimento de currículo como experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos educandos. (BRASIL, 2013, p. 66).

Nesse sentido, o ensino de história, e aqui especificamente o ensino de história local tem um papel fundamental no processo de construção das identidades dos discentes, porque este se apresenta como “ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador/ educando/ sociedade e o meio em que vivem e atuam” (BARROS, 2013, p. 3). Em virtude dessa aprendizagem histórica é que as relações de identificação ocorrem, pois quando o indivíduo obtém conhecimento de si e do “outro” é que ele tem a possibilidade de construção de sua identidade tanto individual quanto social.

O ensino de história é um campo privilegiado para que os sujeitos conheçam a sua história, suas origens e ancestralidade social. Ao conhecer a si podem estabelecer relações de pertencimento ao seu grupo social e também reconhecer as diferenças em relação ao outro. Por isso, entendemos que o ensino de história contribui sobremaneira na constituição dessas identidades, tanto individuais como coletivas.

Ao nos propormos a investigar os usos de artefatos culturais na contemporaneidade na especificidade dos suportes didáticos mobilizados pelo ensino de história e sua contribuição na constituição da identidade dos sujeitos, compreendemos que toda formação acontece em relação com o contexto social e cultural que os sujeitos habitam. Nessa pesquisa, a escola em que realizamos a investigação, é uma escola do campo. Para tanto, consideramos

esse espaço geográfico como território cultural, social e econômico que lhe é próprio, diferente de outros espaços, o que lhe confere uma identidade que necessita ser considerada.

Identidade que no Art. 2º, parágrafo único das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica é assim caracterizada:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2013, p. 282).

Ou seja, a identidade da escola do campo é inseparável da realidade dos estudantes. A mesma deve adequar-se ao calendário do campo levando sempre em consideração o conhecimento histórico acumulado pelos estudantes, assim como, suas bandeiras de luta, projetos, e ideais que tenham por objetivo melhorar a qualidade de vida da sociedade brasileira. Portanto, esta pesquisa situa-se no âmbito do ensino de história em escola do campo.

Ao longo dos últimos anos observamos um aumento significativo acerca da utilização dos suportes didáticos no ensino de história. Filmes, músicas, revistas, entre outros materiais, são cada vez mais empregados em sala de aula. Tais elementos se somam de forma valorosa ao livro didático, suporte que tradicionalmente é utilizado no meio escolar brasileiro.

Nesta trabalho, entendemos os suportes didáticos enquanto elementos mediadores do processo ensino/aprendizagem, bem como facilitadores da aquisição de conhecimentos e apreensão de conceitos. (BITTENCOURT, 2011, p. 296). Acreditamos que estes quando utilizados de maneira coerente pelo educador, são suportes importantes que contribuem para conhecer a linguagem de cada disciplina, no nosso caso em específico, a história.

Ao iniciarmos a pesquisa, pensávamos em realizar a investigação em uma escola pública de Sergipe, mas a partir de leituras realizadas nos aproximamos do universo rural como uma das possibilidades de fazer a pesquisa de campo, pois são poucas as pesquisas que se desenvolvem em contextos escolares rurais. Além da ausência de pesquisas que contemplem a dinâmica de escolas situadas no espaço rural, nos ocorreu que realizar a pesquisa em um contexto conhecido, nos facilitaria a inserção nesse espaço. Assim, optamos por uma escola situada na zona rural em que estudamos quando cursamos o Ensino Fundamental e com a qual ainda mantemos contato.

É importante destacar também que a escolha desta escola em específico ocorreu devido à mesma possuir entre os estudantes, alguns residentes em área de assentamento e nesse sentido termos a pretensão de investigar se estes estabeleciam alguma forma de identificação com o conteúdo trabalhado em sala de aula e sua identidade sem terra.

A turma selecionada para a realização da pesquisa foi o 9º ano. Essa escolha ocorreu devido ao fato desta ser a última série do ensino fundamental e, dentro disso, acreditarmos que os estudantes da mesma já possuem certo conhecimento histórico acumulado advindo das outras séries. Outro elemento também importante e decisivo para a escolha desta turma é o fato de que nesse grupo, assim como na escola, há estudantes residentes em áreas de assentamento, o que nos possibilitaria analisar as identificações estabelecidas pelos alunos entre o conteúdo acessado e sua identidade sem terra.

Como metodologia, a abordagem que adotamos é a da pesquisa qualitativa em educação. Abordagem que nos possibilitou atribuir maior valor ao processo de pesquisa, que unicamente aos resultados finais. Os procedimentos adotados foram observações em sala de aula com vistas a observar as interações possibilitadas pelos usos dos materiais didáticos com o respectivo registro em diário de campo, aplicação de questionário na turma como forma de caracterizar e identificar os sujeitos da pesquisa, e entrevistas realizadas tanto com alguns estudantes da turma que são assentados, quanto com alguns moradores do Assentamento e professora responsável pela mesma. Além das leituras que precederam a pesquisa de campo, utilizamos como material de análise o livro didático dos alunos, assim como os cadernos de alguns destes. Entrar em contato direto com a realidade dos estudantes e conhecer minimamente a história de alguns deles, nos permitiu captar elementos importantes no que se refere ao processo de identificação dos mesmos.

Antes de iniciarmos propriamente o conteúdo referente aos recursos didáticos e os processos de identificação dos estudantes, acreditamos ser de suma importância realizarmos algumas considerações sobre a história da escola, como o local de realização desta pesquisa e do Assentamento Maria Bonita, espaço de residência dos sujeitos sem terra da turma.

O CONTEXTO EM QUE SE DESENVOLVEU A PESQUISA: O COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA

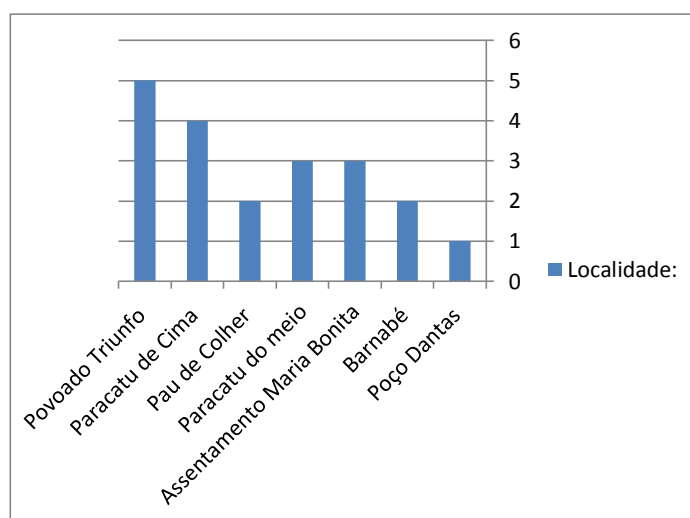
Construído em 1987 pela Prefeitura Municipal de Simão Dias, o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista surgiu com o objetivo de implantar o 1º grau no povoado Triunfo, visto que as duas escolas já existentes ofereciam apenas o anos iniciais do fundamental,

recebendo então o nome de Escola de Primeiro Grau Senador Lourival Baptista. No ano seguinte, devido a inexistência de professores habilitados em nível superior da Rede Municipal de Ensino, o prefeito da época doou o prédio da referida escola para o Estado de Sergipe.

Ganhando notabilidade pelo desenvolvimento de projetos ligados a comunidade, o corpo docente da escola e a direção, optaram por uma gestão democrática adotando a interdisciplinaridade em seu Projeto Político Pedagógico. Localizado no povoado Triunfo, o Colégio atende indivíduos da Zona Rural, em sua grande maioria de povoados vizinhos que utilizam o transporte escolar para chegar à escola. Grande parte dos estudantes e familiares obtém sua renda a partir do trabalho na lavoura e outra pequena parcela de salário fixo. Boa parte dos pais possui baixa escolaridade ou são analfabetos. Mesmo assim, são parceiros da escola e contribuem de forma significativa para o processo de aprendizagem dos seus filhos.

Tratando mais especificamente do 9º ano, turma em que realizamos nossa pesquisa, constatamos que eles se situam na faixa etária de 14 à 18 anos de idade. Boa parcela dos alunos sempre estudou em escola pública, sendo que mais da metade revelaram ter repetido de série. Em sua grande maioria residem no Povoado Triunfo, local onde a escola está inserida (Observe o gráfico 1). E mesmo diante das dificuldades apresentadas, seja por questões materiais ou até mesmo de ensino, os estudantes revelaram um apreço muito grande pela escola, e um desejo enorme de dar continuidade aos estudos.

Gráfico 1- Localidades onde os estudantes da escola residem



Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora. 2016.

Diante dos dados apresentados, definimos para nossa pesquisa os sujeitos residentes no Assentamento Maria Bonita. E como forma de conhecer melhor o contexto em que vivem

estes estudantes, apresentamos abaixo um pouco da história do Assentamento em que os mesmos residem.

SOBRE O ASSENTAMENTO MARIA BONITA

O Assentamento Maria Bonita localiza-se no município de Simão Dias, distante cerca de 100 km de Aracaju. A história deste tem início por volta de 1998 quando dois dirigentes do MST percorreram a Fazenda de Chico Dorinha, atual Assentamento Maria Bonita, e perceberam que a mesma encontrava-se totalmente abandonada pelo proprietário. Observando essa situação, os dirigentes reuniram algumas pessoas com o intuito de saber se estas possuíam o desejo e disposição de ocupar o local. Com o feedback positivo por parte dos presentes, o ato de ocupação foi firmado. Dois dias depois da reunião, cerca de 35 famílias vindas de diversas partes do município, e até mesmo de outros, ocuparam a fazenda. De acordo com um assentado, havia naquele período um pouco de receio com relação a ocupação, pois, “muita gente dizia que a fazenda corria risco até de uma expulsão, de um conflito” (Edézio Leal), mesmo assim, a necessidade de moradia e terra para trabalhar levaram aqueles indivíduos a firmarem-se no local.

Foram três anos embaixo da lona preta. Durante esse período, houve a criação de uma escola no acampamento destinada a alfabetizar os acampados e seus filhos. Esta funcionava em um barracão coberto de lona, as paredes eram feitas de barro e como na época não existia energia, a luz era de um lampião. O professor da escola, que ainda reside no assentamento, nos conta que muitas vezes a aula era interrompida porque faltava gás no lampião e que mesmo com as dificuldades existentes foi possível alfabetizar uma parte dos acampados.

Outro aspecto importante a ser destacado, é que o professor da escola utilizava alguns materiais e recursos didáticos em suas aulas como livros, cartazes, a bandeira do MST, lousa, giz, entre outros, que facilitava o processo de aprendizagem dos alunos e a identificação com o MST. Este, ainda nos conta que tinha o costume de colar cartazes de outras escolas do Alto Sertão nas paredes da sala, que nos encontros em outros municípios trazia cartazes de outras escolas e que os alunos gostavam disso, pois ao verem fotos de pessoas de 50 e 60 anos estudando eles se reconheciam naqueles indivíduos e ficavam estimulados a aprender a ler. Sobre a metodologia utilizada em sala de aula, o professor nos relata que utilizava o método da palavra geradora de Paulo Freire, comumente usado em áreas de acampamento e assentamento.

Com a conquista definitiva da terra no ano de 2002 e o início da construção das casas já na agrovila, a escola ficou sem sede. Além disso, a Prefeitura Municipal de Simão Dias alegou que como tinha uma escola com boa estrutura em um povoado próximo, a Feirinha, seria mais conveniente transportar os filhos dos assentados para estudar nessa localidade. Tais fatores acabaram desfavorecendo e inviabilizando a construção da escola no assentamento. No entanto, mesmo com o passar dos anos, esta ainda é uma luta da comunidade. Conforme o Senhor Edézio Leal

“É um sonho para o povo, sonha em construir uma escola aqui, pelo menos os filhos dos assentados estudam aqui mesmo e além de filho de assentado hoje aqui vizinho a agrovila tem várias localidades se tivesse uma escola todos os alunos das comunidades vizinhas vinha estudar aqui no Assentamento” (Edézio Leal, 13/01/2016)

MATERIAIS DIDÁTICOS MOBILIZADOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Considerando que a aprendizagem é construída durante todo o processo educacional do indivíduo, a inserção de metodologias diversificadas torna-se fundamental na atualidade. Cada vez mais o professor busca expor o conteúdo de forma diferenciada, procurando fazer com que os alunos se insiram e participem do processo. Dentro disso, os recursos didáticos cumprem um papel de suma importância no contexto educacional, seja como material auxiliar do professor, seja enquanto elemento dinamizador das aulas.

É importante acrescentar que não apenas o professor deve estar preparado para a utilização dos recursos didáticos de maneira produtiva, como também, que a aplicabilidade dos mesmos em sala de aula depende muitas vezes de questões materiais da própria escola. Sobre isso é importante observarmos o contexto de inserção dos estudantes quando nos referimos a utilização destes recursos em uma escola urbana e em uma escola do campo. A questão vigente nos dias atuais é que, muitas vezes, as escolas do campo padecem de condições estruturais e materiais como, por exemplo, data show, televisão, som, entre outros. No entanto, apesar desse triste cenário em que se encontra grande parte das escolas do campo, constatamos que o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista em específico, foge a regra. Saído recentemente de uma reforma, o mesmo conta com uma boa estrutura que permite a utilização de recursos digitais em sala, também possui laboratório de informática e rede Wifi que cobre toda a escola, o que possibilita ao professor ter acesso a internet instantaneamente. Tais elementos contribuem de forma significativa para a inserção de novos recursos e

metodologias em sala de aula, favorecendo tanto o trabalho do professor como o processo de aprendizagem dos alunos.

Na escola e turma em que coletamos os dados, constatou-se que nas aulas de história, os suportes didáticos utilizados foram o cinema, a música e o livro didático. Objetivando evidenciar os resultados encontrados, optamos por discorrer separadamente sobre o que indica a literatura sobre os suportes utilizados e sobre a percepção dos alunos em relação à aprendizagem da história, a partir de sua interação com os referidos suportes.

OS USOS DE FILMES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA

A utilização de filmes como recurso didático no ensino de história é bem recente. De acordo com Circe Bitencourt:

Os trabalhos de historiadores sobre a iconografia cinematográfica começaram em torno dos anos 60 e 70 do século passado, acompanhando os debates que, entre outros problemas, destacavam a importância da diversificação das fontes a ser utilizadas na pesquisa histórica, especialmente da história contemporânea. (BITTENCOURT, 2011, p.373)

Nesse sentido, é importante destacar que no período em questão, havia uma grande discussão em torno da aceitação ou não do filme enquanto documento histórico, e conseqüentemente, da sua utilização como recurso didático em sala de aula. Marc Ferro e Pierre Sorlin foram os primeiros pesquisadores a se dedicarem às investigações sobre cinema e história e após explorarem alguns filmes, chegaram a conclusão de que “a imagem não ilustra, nem reproduz a realidade, mas reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico” (BITTENCOURT, 2011, p.373).

Os filmes, “podem servir como fonte e documento histórico, desde que devidamente contextualizados” (SANTOS, 2016, p. 51). Atualmente, têm sido frequentemente utilizados nas aulas de história, primeiro, por terem uma grande aceitação por parte dos alunos e, segundo, por sua capacidade de ajudar tanto na compreensão do passado, como também da realidade contemporânea que venham a representar. Estes, “desperta [m] em seus espectadores sensações outras que não excluem a aprendizagem possibilitada pela explicação do professor e pelos livros didáticos, mas que acrescem ao seu processo formativo” (SANTOS, 2016, p.48). No entanto, é importante considerar que tais contribuições dependerão muito da forma como o professor utilize tal recurso em sala de aula, se ele irá refletir sobre a questão do conteúdo, trabalhar o contexto político e social em que a produção está inserida, ou se simplesmente utilizará o filme como “tapa buraco” de aulas.

Nesse sentido, faz-se necessário que os professores considerem alguns aspectos antes e durante a utilização dos filmes em sala de aula, de acordo com Selva Fonseca, estes, devem ficar atentos a questões como:

a) planejamento: momento de seleção prévia do filme, relacionada ao tema em estudo, englobando atividades como assistir ao filme, organização dos materiais e do espaço, preparação dos equipamentos; b) organização do roteiro de trabalho: enumeração de questões relativas à produção (quem fez, direção, roteiro, quando, onde, gênero, técnicas, financiamento, se é ou não baseado em alguma obra etc.). A ficha técnica pode ajudar o professor a explorar as características e a historicidade do filme: os personagens, o cenário, o ambiente, a época retratada, o enredo, as percepções, as leituras dos alunos, o roteiro, o desfecho, os limites e as possibilidades; c) projeção: assistir ao filme com os alunos no ambiente escolar ou em salas específicas; d) discussão: estabelecer relações entre as leituras, interpretações, percepções dos alunos sobre o filme e os temas estudados em sala de aula em outros materiais como textos, canções, imagens, etc. É o momento de confronto, desconstrução, retomada da significação, análise e síntese; e) sistematização e registro (FONSECA, 2009, p.157 apud SANTOS, 2016, p. 51).

Tais elementos são alguns, dentre muitos outros, importantes e que devem ser levados em consideração quando os professores desejarem utilizar o recurso do filme em sala de aula.

Mas, por que nossa ênfase na utilização do filme como recurso didático? Para além de reconhecermos a importância deste instrumento, observamos que o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista, atendendo a Lei nº 13.006⁴ do Governo Federal, dispõe de um projeto denominado “Cinema na escola”. Tal projeto leva os estudantes a se reunirem na última sexta-feira de cada mês para a exibição de um filme nacional. A cada mês um professor da escola fica responsável pela escolha da temática, filme e elaboração de um questionário relacionado ao mesmo. Ao fim da atividade, os estudantes recebem o questionário elaborado pelo professor e a partir deste, fazem um relatório avaliativo sobre o filme exposto, o que os estimula tanto a analisarem o material que foi exibido, quanto a visualizarem a produção cinematográfica dentro de outras perspectivas.

Também verificamos que durante as entrevistas realizadas com os alunos do 9º ano, os mesmos citaram o filme como o recurso didático que mais auxilia na compreensão dos conteúdos e aulas de história. Juliana, de 14 anos, diz o seguinte: “Acho ótimo, por que influencia a pessoa a entender melhor, ao invés da pessoa conversar, a pessoa vendo ali às

⁴ Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm

imagens, as ação, a pessoa entende melhor”. A forma como o recurso visual capta a atenção dos estudantes, e facilita na compreensão dos conceitos, torna-se um fator primordial no processo de aprendizagem destes, e principalmente daqueles que possuem maiores dificuldades tanto de concentração como de apreensão dos conteúdos. Marcelo, de 18 anos, relata que a utilização do filme “ajuda mais” em sala de aula, devido ao questionário que é aplicado posteriormente. Já Talita, de 14 anos, nos diz que com o filme “dá pra gente acompanhar de perto aquilo tudo o que aconteceu”, ou seja, a ideia de proximidade que as produções cinematográficas colocam os estudantes e a história acaba tornando-se algo fascinante que aproxima e estimula-os a aprenderem história.

OS USOS DE MÚSICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA

Atualmente muitos professores de história tem utilizado a música como recurso didático. Samba, Rap, MPB, entre outros estilos musicais são frequentemente trabalhados por alguns professores, seja nas próprias aulas de história ou até mesmo através de projetos na área da educação. De acordo com Bittencourt, “o uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência” (BITTENCOURT, 2011, p. 379). Esta proximidade permite, minimamente, que os estudantes se identifiquem com o conteúdo da música e tenham a possibilidade de transformar, juntamente com a mediação do professor, seus conceitos tidos como espontâneos, “senso comum”, em conceitos científicos.

Dentro disso, é importante considerar também que, “existe [uma] enorme diferença entre ouvir música e pensar a música” (BITTENCOURT, 2011, p. 380), levá-la para a sala de aula sem conferir a mesma um sentido histórico é, pois insignificante para o ensino de história. De nada adianta utilizá-la apenas por tratar-se de um recurso didático considerado “diferente”, “dinâmico”, ou devido a sua fácil inserção no cotidiano dos alunos, faz-se necessário que a mesma tenha sentido e cumpra com os objetivos pelo qual foi utilizada, que seja realmente pensada em sua essência (autor, intérpretes, músicos, produtores, contexto de criação, entre outros).

Durante nossa pesquisa de campo, quando acompanhamos algumas aulas de história do 9º ano no C. E. Senador Lourival Baptista, observamos que a professora responsável pela turma utilizou-se da música para auxiliar os estudantes na compreensão do conteúdo. Em uma aula em específico, que tinha como tema “As Faces da Globalização”, esta, trabalhou com os alunos a música “Disneylandia” da Banda Titãs. Ao terminar, frisou no seguinte trecho, “Lanternas japonesas e chicletes americanos/ Nos bazares coreanos de São Paulo. Imagem de

um vulcão nas Filipinas/ Passam na rede de televisão em Moçambique”, a partir disso, a docente estimulou os estudantes a um debate em sala de aula, levando-os a refletirem sobre as letra da música, “Vocês perceberam que as coisas não ficam nos lugares onde foram fabricados?” (Professora Aldenise Cordeiro. Anotação em 07-01-2016), procurando relacionar a letra com o conteúdo que estava sendo discutido em sala de aula, a globalização. A medida que a professora explicava o conteúdo, constatamos que a mesma cada vez mais trazia exemplos da realidade dos alunos, como a questão do whatsapp, da transposição do Rio São Francisco, entre outros fatores. Tudo isso, com o objetivo de explicar a questão da Globalização num contexto mais local. Diante desses fatores, foi possível observarmos uma participação bem maior dos estudantes em sala de aula, apresentaram dúvidas e questionamentos, além deste momento ter proporcionado uma maior interação entre os estudantes.

USOS DO LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA

Os livros didáticos são os instrumentos de trabalho mais usados cotidianamente por professores e alunos. De acordo com Circe Bittencourt, estes “fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos” (BITTENCOURT, 2011, p. 299). Constituindo-se como “um suporte de conhecimentos escolares propostos pelos currículos educacionais” (BITTENCOURT, 2011, p. 301), estes são também um suporte com método pedagógico composto por exercícios, atividades, sugestões de filme, livros, sites, entre outros.

Ao falar sobre o livro didático e sua importância no processo de aprendizagem dos indivíduos, levantamos alguns questionamentos: Esse recurso é interessante pra identidade dos indivíduos? E aqui em específico, para os alunos? Como o intuito de respondê-la, utilizamos como material de análise o livro “Saber e fazer história” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, utilizado pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista.

Como dissemos anteriormente o referido Colégio localiza-se na Zona Rural do município de Simão Dias, ou seja, trata-se de uma escola do campo. Da mesma forma, pontuamos também que boa parte dos estudantes desta são filhos de agricultores, sendo assim, os mesmos possuem um contato bem mais próximo com questões que se referem tanto a vida no campo quanto a terra. Deste modo, consideramos todo esse contexto rural em que os estudantes estão imersos como um elemento de identificação e, nesse sentido, procuraremos

analisar a questão da terra e de elementos que dizem respeito ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Livro Didático dos alunos.

No que se refere aos elementos de identificação presentes neste livro didático, podemos observar que logo na introdução do capítulo “Revoltas na Primeira República” os autores trazem um senso do IBGE de 2006 denunciando a existência da elevada concentração da propriedade de terras no Brasil. Os mesmos também colocam que no início do século XX, estas, encontravam-se nas mãos de pouca gente, sendo tratada por muitos enquanto mercadoria, o que provocava a formação de várias revoltas no período. A presença de tais elementos no livro didático oferece aos estudantes, e aqui em particular, aos estudantes provenientes de áreas de assentamento, uma identificação com o conteúdo apresentado. De modo geral, porque há uma similaridade entre as questões apontadas no livro didático e a realidade dos estudantes sem-terra. E de modo específico, porque os autores relatam que a pobreza, as condições de opressão vivida pelo povo e a luta pela terra, foram os principais motivos pelos quais as revoltas eram organizadas, o que se assemelha as ocupações de terra realizadas pelo MST.

Ainda no mesmo capítulo quando o autor disserta sobre a Guerra de Canudos⁵, este afirma que Antônio Conselheiro, líder dos sertanejos atraía muitas pessoas com suas pregações, das quais um dos lemas era: “A terra não tem dono, a terra é de todos”. Para, além disso, os autores retratam que milhares de pessoas mudaram-se para Canudos, entre elas, pequenos proprietários pobres e sertanejos sem terras, que em sua maioria buscavam “abrigo, paz e justiça em meio à fome e à seca” (COTRIM, RODRIGUES, 2012, p. 51). Estes discursos ligam-se de forma direta ao que é proposto pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como podemos observar no primeiro ponto do seu Programa de Reforma Agrária: “A terra e todos os bens da natureza, em nosso território nacional, devem estar sob controle social e destinados ao benefício de todo povo brasileiro e das gerações futuras” (Cartilha “Normas Gerais e Princípios Organizativos do MST”, 2016, p.13). A terra como bem comum de todos é algo presente nos dois discursos, estes elementos possibilitam um processo de identificação por parte dos sujeitos sem terra ao modo que o texto referente a

⁵ A Guerra de Canudos foi um confronto entre o Exército Brasileiro e os integrantes de um movimento popular de fundo sócio religioso liderado por Antônio Conselheiro, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, interior do estado da Bahia, no nordeste do Brasil.

Guerra de Canudos presente no livro didático não possui tantas discrepâncias em relação a realidade atual dos estudantes sem terra e suas lutas.

Outro aspecto importante a ser destacado é que diz respeito ao conteúdo trabalhado no livro didático, a Guerra de Canudos, é um grito de ordem que os militantes do MST usam comumente em espaços de formação política. O grito rememora Antônio Conselheiro, líder da Revolta, e o coloca enquanto companheiro de luta dos sujeitos sem terra. O “grito” diz o seguinte: “Antônio, Antônio, Antônio Conselheiro, na luta por justiça nós somos companheiros”. Ao observar a história de Antônio Conselheiro no livro didático, acreditamos que os estudantes provavelmente lembrarão do grito de ordem, ou seja, trarão a tona suas memórias sobre o que significou esse lutador para o MST e o porquê ainda hoje o mesmo é lembrado.

Por fim, um fator que nos chamou muito a atenção no livro didático foi a presença de uma bandeira do MST em uma atividade do último capítulo do livro. Esta tinha como tema “Refletir e ampliar” e propunha que de acordo com a imagem da bandeira do MST fosse criado um título e elaborado uma legenda-texto para a fotografia. O que nos chamou mais atenção ainda é que durante entrevista realizada com uma estudante, quando nós perguntamos se a mesma tinha se identificado com algum conteúdo de história trabalhado em sala de aula, ela respondeu que sim e imediatamente trouxe-nos o livro didático mostrando a fotografia. Tais fatores demonstram como uma simples imagem é capaz de ativar a identidade do sujeito sem terra, fazê-lo reconhecer-se na fotografia, reconhecer-se na história, na sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar nossa pesquisa faz-se necessário refletirmos sobre algumas questões que foram fundamentais para todo esse processo. Primeiro, no que se refere a questão da identidade Sem Terra foi possível constatar que os estudantes do assentamento possuem essa identidade, no entanto, esta nem sempre é evidenciada, carecendo muitas vezes da mediação docente para que as mesmas ocorram. Segundo, é possível afirmarmos que os suportes didáticos utilizados em sala de aula possibilitam o estabelecimento de processos de identificação. Dentre esses recursos, o material mais utilizado pelo ensino de história com os alunos do 9º ano do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista são o livro didático, a música e de forma especial o filme.

Foi possível constatar também através das observações em sala de aula, que os estudantes em geral interagiam e participavam das aulas de forma mais intensa e produtiva quando a docente utilizava algum recurso didático em sala de aula ou trazia algo considerado novo para a turma. Dentre os recursos didáticos utilizados, o livro didático colocou-se como o material que mais trabalhava a questão da identidade Sem Terra e da “história negada” das minorias.

Por fim, concluímos que os estudantes através do uso dos recursos didáticos no ensino de história estabelecem identificações entre o conteúdo acessado e sua identidade. Algumas vezes de forma pontual, outras, de forma mais direta, sendo comum os estudantes se reconhecerem no conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula, principalmente quando refere-se à questão do MST e da identidade Sem terra.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed.- São Paulo: Cortez, 2013. COTRIM, Gilberto, 1995- **Saber e fazer história**, 9º ano. 7. Ed.- São Paulo: Saraiva, 2012.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, 2005. 133 páginas.

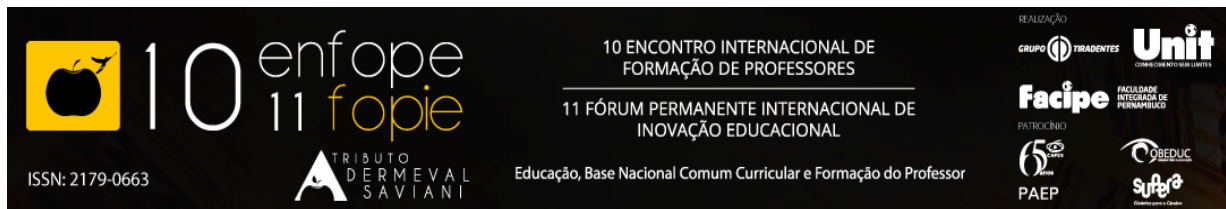
LUCINI, Marizete. **Memória e História na formação da identidade Sem Terra no Assentamento Conquista da Fronteira**. Marizete Lucini.- Campinas-SP: [s/n]. 2007.

LUCINI, Marizete. O conhecimento histórico na pedagogia do Movimento Sem Terra. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

LUCINI, Marizete. A memória como patrimônio ou a História como prática social? Reflexões sobre práticas de memória e ensino de história na Pedagogia do Movimento Sem Terra. **Revista História Hoje**, v. 3, nº 6, p. 19-41 – 2014.

MST. **Normas Gerais e princípios organizativos do MST**. São Paulo, 2016.

SANTOS, José Douglas. **Cinema e ensino de história: O uso pedagógico de filmes no contexto escolar e a experiência formativa possibilitada aos discentes**. 207 páginas. Dissertação. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/Sergipe. 2016.



STEDILLE, João Pedro. . **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, coedição Fundação Perseu Abramo, 2012.

TIMBÓ, Isaíde Bandeira. Livro didático de história: cultura material escolar em destaque.

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História** – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.